

Oração semanal

(5ª-feira, Páscoa 6)

Serra do Pilar, 25 maio 2017

- P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome;
fica connosco (Lc 24,29), Aleluia, Aleluia!
- R. E desça sobre nós a tua bênção, Aleluia, Aleluia !
- P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!
- R. Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!

Leitura do Evangelho de João (16,12-15)

[Disse Jesus aos discípulos:] *Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não sois capazes de as compreender por agora. Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, há-de guiar-vos para a verdade completa. Ele não falará por si próprio, mas há de dar-vos a conhecer quanto ouvir e anunciar-vos o que há de vir. Ele há de manifestar a minha glória, porque receberá do que é meu e vo-lo dará a conhecer. Tudo o que o Pai tem é meu; por isso é que eu disse: 'Receberá do que é meu e vo-lo dará a conhecer'.*

Salmo 30 - Ação de graças depois do perigo

**Tu levantaste, tu reuniste o teu povo;
na Nova Jerusalém, cantaremos sem fim,
cantaremos sem fim!**

Eu te exalto, Senhor, porque me levantaste
e me poupaste ao riso dos meus inimigos;
Senhor, tu curaste-me e tiraste-me dos infernos;
quando já descia à cova, tu deste-me a vida!

Celebrai o Senhor, vós que o amais,
louvai-o pelo seu santo Nome memorável!
A sua cólera dura um instante,
a sua graça é por toda a vida!

Com a noite, chegam as lágrimas,
mas, com a manhã, volta a alegria!
Eu sabia no meu coração:
contigo, "Jamais serei abalado".

Foste bom para mim, Senhor,
deste-me a força da tua segurança;
mas, se me escondes a tua face,
como posso não ficar perturbado?

Chamo por ti, Senhor,
imploro a piedade do meu Deus:
que vantagem tiras da minha morte,
da minha descida à sepultura?

Será que vai louvar-te o pó?
Poderá ele dar notícia de ti?
Ouve-me, Senhor, tem compaixão de mim,
vem em meu auxílio.

E tu mudaste o meu luto em dança
e o meu coração cantará sem fim.
O meu coração te cantará sem cessar;
Senhor, meu Deus, eu te louvarei para sempre!

Glória ao Senhor, que nos enviou o seu Filho
a meter-nos a esperança no coração!
Hossana ao Filho de Deus,
bendito o que vem em nome do Senhor!

Deus deu-lhe razão

A execução de Jesus punha em causa toda a sua mensagem e todo o seu trabalho. Aquele fim tão trágico suscitava uma grave interrogação, mesmo nos seus seguidores mais fiéis. Quem teria razão: Jesus ou os que o tinham executado? De que lado é que Deus estava? Na cruz, não teriam matado só a Jesus. Com ele, teriam liquidado a sua mensagem, o seu projeto do reino de Deus e as suas pretensões de um mundo novo. Se Jesus tinha ou não razão, só Deus é que o poderia dizer.

Nos textos que chegaram até nós, ainda hoje se pode perceber a alegria dos primeiros discípulos pela descoberta de que Deus não tinha abandonado Jesus. Tinha vindo em sua defesa. Tinha-se identificado com ele, desvanecendo para sempre qualquer ambiguidade. Para os seguidores de Jesus, a ressurreição não era só uma vitória sobre a morte, mas a reação de Deus, que confirmava o seu querido Jesus, tão desautorizado por aqueles que o tinham condenado. Foi isso que, primeiro, pregaram incessantemente junto do templo e pelas ruas de Jerusalém: "Vós o matastes, cravando-o na cruz pela mão de gente perversa. Mas Deus ressuscitou-o"; "aquele que vós crucificastes, Deus ressuscitou-o dos mortos"; "O Deus dos nossos pais ressuscitou Jesus, a quem matastes, suspendendo-o do madeiro". Com a sua ação ressuscitadora, Deus confirmou a vida e a mensagem de Jesus, o seu projeto do reino de Deus e todo o seu trabalho. O que Jesus dizia na Galileia, acerca da ternura e da misericórdia do Pai, era verdade. Deus era como Jesus o dava a entender nas suas parábolas. A sua maneira de ser e de agir coincidia com a vontade do Pai. A solidariedade de Jesus com os que sofriam, a sua defesa dos pobres, o seu perdão aos pecadores, era precisamente isso que ele queria. Jesus tinha razão quando procurava uma vida mais digna e mais risonha para todos. Era esse o maior desejo que Deus

guardava no seu coração. Era essa a maneira de viver que agradava ao Pai. Era esse o caminho que conduzia à vida.

Por isso, era preciso "voltar para a Galileia" e recordar tudo o que tinham vivido com ele. Produziu-se então um fenómeno singular. Os discípulos foram reviver tudo aquilo que tinham experimentado junto de Jesus pelos caminhos da Galileia, mas, desta vez, iluminados pela sua ressurreição. Impelidos pela sua fé no Jesus ressuscitado, começaram a lembrar as suas palavras, mas não como se elas fossem o testamento de um mestre morto, que já pertencia ao passado, mas como palavras de alguém que estava "vivo" e continuava a falar com a força do seu Espírito. Foi assim que nasceu um género literário único: os "evangelhos". Estes escritos não são uma recolha dos ditos pronunciados noutra tempo por um rabino famoso, mas a mensagem de alguém ressuscitado por Deus, que continuava ainda a comunicar o seu espírito e a sua vida àqueles que o seguiam. Os crentes escutavam as palavras recolhidas nos evangelhos como palavras que eram "espírito e vida", "palavras de vida eterna", que transmitiam a alegria e a paz do ressuscitado.

Os seguidores de Jesus não recordavam só as suas palavras. Recolhiam também os factos e a sua vida. Não o fizeram para redigirem a biografia de um grande personagem já morto, nem para traçarem o seu retrato histórico ou psicológico. Não era isso que lhes interessava. O que eles pretendiam era manifestar a presença salvadora de Deus, que tinha ressuscitado a Jesus, e que já estava a agir na sua vida terrena. Quando Jesus curava os doentes, estava a comunicar-lhes a força, a saúde e a vida desse Deus que tinha revelado todo o seu poder salvador ressuscitando-o da morte. Quando defendia a dignidade dos pobres, vítimas de tantas injustiças, estava a exigir a justiça de Deus, que ressuscita os crucificados. Quando acolhia à sua mesa os pecadores e as prostitutas, estava a oferecer-lhes o perdão e

a paz que os discípulos saborearam no encontro com o ressuscitado. Nada disso era do passado. Ao ressuscitar Jesus, Deus validava indestrutivelmente a sua vida terrena e levava a uma plenitude maior o que tinha começado na Galileia. A actuação de Jesus não terminara com a sua morte. Aquele que convidava a segui-lo continuava a fazê-lo também então. Aquele que oferecia o perdão de Deus aos pecadores continuava ainda a oferecê-lo. Aquele que se abeirava dos pequenos e dos maltratados podia ainda encontrar-se identificado com os pobres e carenciados.

Os evangelhos foram escritos não somente para se saber quem foi Jesus, mas para anunciar aquilo que, de facto, é, depois de ressuscitado, para os seus seguidores e aquilo que pode esperar dele a humanidade. Marcos não escreveu "uma vida de Jesus", ao estilo de Tácito ou de Suetónio, que escreveram a história dos imperadores. Como se diz no título da sua pequena obra, o que ele quis foi anunciar a "Boa Notícia de Jesus, Messias e Filho de Deus". À luz da ressurreição, podia deduzir então que Jesus era o "Messias" esperado, no qual o Povo de Israel tinha depositado todas as suas esperanças. Já não havia lugar para outros Messias ou salvadores. Ele era o "Filho de Deus", um homem que agia com a sua força salvadora, não como o imperador de Roma, que era chamado "filho de Deus" (*divi filius*), mas não podia salvar. A sua pessoa encerrava um mistério que a gente da Galileia não podia captar na sua totalidade. Só escutando uma "voz do céu" teriam podido descobrir que era o "filho amado" de Deus. Agora, depois da ressurreição, já era possível aprofundar mais o seu mistério, não fugir, como os discípulos, perante a sua crucifixão, nem assustar-se, como as mulheres, perante o "sepulcro vazio". Agora já era possível seguir a Jesus, sabendo que ele era o Messias e Filho de Deus, que caminhava à sua frente.

Também Mateus não estava interessado em escrever uma

biografia de Jesus. Depois da queda de Jerusalém, no ano 70, e com o templo destruído para sempre, os rabinos fariseus esforçavam-se por restaurar o judaísmo à volta da Torá. Entretanto, os seguidores de Jesus iam fundando comunidades cristãs entre os judeus da diáspora. Não deixava de haver frequentes tensões e conflitos. Num momento tão crucial como aquele, Mateus queria proclamar aquilo que os seguidores de Jesus tinham descoberto nele à luz da ressurreição. Jesus não fora um grande rabino executado na cruz. Ele era o verdadeiro "Messias". Com ele, a história de Israel alcançava o seu cume. Nele tinham cumprimento as Escrituras sagradas dos judeus. Ele era o novo Moisés, portador de uma nova Lei de vida. Mas Mateus atreve-se a ir muito mais longe. Os seguidores de Jesus já levavam quarenta ou cinquenta anos a experimentar a presença viva do ressuscitado nas suas vidas. Agora, destruído o templo, Jesus era a nova presença de Deus entre os homens. Só a ele se podia chamar *Emanuel*, ou seja, "Deus connosco". Na ressurreição, Deus tinha-se mostrado tão identificado com Jesus que já era possível dizer que Jesus era o "Deus connosco". Em Jesus, Deus estava a partilhar a sua vida connosco. Nas suas palavras, escutavam a Palavra de Deus e, nos seus gestos, podiam captar o seu amor salvador.

No evangelho de Lucas, respira-se outro clima. A alegria está presente desde o princípio. Eis como o anjo anuncia o nascimento de Jesus: "Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o Povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor". Aquele que nascia em Belém era o "Salvador". As comunidades cristãs levavam já anos a professá-lo como "Messias" e "Senhor".

Era dele que Lucas queria falar no seu escrito. Aquela "alegria", que a todos devia contagiar, e aquela "paz", que os anjos tinham cantado em Belém, eram as mesmas que os

discípulos experimentaram quando se encontraram com o ressuscitado. Ao longo do seu evangelho, Lucas irá apresentando Jesus como o "Salvador" que, com gestos de ternura e de misericórdia, continuava a "salvar" as pessoas da doença, do pecado, da exclusão e da humilhação. Jesus era o "Homem" que tinha vindo "procurar e salvar o que estava perdido". O povo não o pôde compreender totalmente na Galileia, mas agora, quando Jesus vivia ressuscitado pelo Espírito de Deus, Lucas convidava todos a descobrir que esse mesmo Espírito sempre o animou. Jesus até foi concebido virginalmente pela força do Espírito. O mesmo Espírito tinha descido sobre ele enquanto orava, por ocasião do batismo, o conduziu ao deserto e o guiara, com "força", pelos caminhos da Galileia. Imbuído desse Espírito de Deus, vivera anunciando a todos os pobres, oprimidos e desgraçados a Boa Notícia da sua libertação. À luz da ressurreição, era possível formular, profundamente, a memória que Jesus deixara entre os seus seguidores: Jesus de Nazaré foi um homem que, ungido "com o Espírito Santo e com o poder", "andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo Maligno, porque Deus estava com Ele". Segundo Lucas, este era o Espírito que transformava os seus seguidores em verdadeiras testemunhas de Jesus.

O último evangelho, atribuído pela tradição a João, é um escrito que tende a iluminar a vida de Jesus com uma profundidade teológica nunca antes levada a cabo por nenhum evangelista. Jesus não era só o grande Profeta de Deus. Ele era "a Palavra de Deus feita carne", feita vida humana. Jesus era Deus a falar-nos desde a vida concreta deste homem. Mais, na ressurreição, Deus manifestara-se tão identificado com Jesus que o evangelista se atreveu a pôr na sua boca estas misteriosas palavras: "Eu e o Pai somos um", "o Pai está em mim e Eu no Pai". Evidentemente, Deus continuava a ser um mistério. Ninguém o tinha visto, mas

Jesus, que era seu Filho, e viera do seio do Pai, dava-no-lo "a conhecer". Por isso, João foi narrando os "sinais" que Jesus ia realizando, para revelar a glória que ele encerrava como Filho de Deus enviado pelo Pai para salvar o mundo. Se curava um cego, era para manifestar: "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida". Se ressuscitava Lázaro, era para proclamar: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá". À luz da ressurreição, o evangelista revelava que o objetivo supremo de Jesus era dar vida: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância". Era só isso que Deus queria para os seus filhos e filhas. "Tanto amou Deus o mundo que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que crê nele não se perca, mas tenha a vida eterna. De facto, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele". À luz da ressurreição, tudo adquiria uma profundidade grandiosa que não podiam suspeitar quando o seguiam pelos caminhos da Galileia. Aquele Jesus que tinham visto a curar, a acolher, a perdoar, a abraçar e a abençoar era a grande dádiva que Deus tinha feito ao mundo para que todos encontrassem nele a salvação.

(José Antonio Pagola. *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 451-455)

Oremos (...)

Senhor, Pai de Jesus e nosso Pai,
concede-nos viver dignamente este tempo de alegria
em honra do Senhor Jesus ressuscitado,
de modo que a nossa vida
seja tradução dos mistérios que celebramos.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo!

Ámen!